

Comparação entre a Carta Renúncia de Jânio Quadros e a Carta Testamento de Getúlio Vargas analisando seus diferentes *ethos* em sua formação discursiva.

Regiane PAULA
Colégio Presbiteriano Mackenzie
São Paulo, São Paulo, 01241-001, Brasil

e

Alexandre GUIMARÃES
Centro de Comunicação e Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie
São Paulo, São Paulo, 01241-001, Brasil

RESUMO

O artigo analisa duas cartas institucionais de duas grandes personalidades políticas na história brasileira cujos textos estão ideologicamente escritos ao povo brasileiro – Presidente Jânio Quadros e Presidente Getúlio Vargas. Com intuito de mostrarem tamanha importância que suas atuações de gestões tiveram na história do Brasil, os presidentes usam de diferentes *ethos* para alcançarem seus objetivos finais, sendo esses de manipulação, compaixão e convencimento. O *ethos* é uma noção discursiva, é a imagem do sujeito enunciador construída no discurso. Todo discurso é ideológico e perpassa as convicções daqueles que o articulam, melhor ainda, se for possível articular mediante vários *ethos* constituídos ao longo desse texto.

Palavras-Chave: Discurso; *Ethos*; ideologia.

1. INTRODUÇÃO

A análise das duas cartas nos leva a pensar sobre o grande poder de influência e persuasão que as duas figuras políticas possuíam sobre o povo brasileiro na época de suas gestões. Os autores das cartas, cujas mensagens de caráter institucional, traziam impressas e impregnadas a força e a luta de líderes que doaram suas vidas pela nação e que, de formas diferentes, escolheram caminhos divergentes de provarem tudo que fizeram foi pelo cidadão brasileiro.

Analisar um discurso significa tentar entender e explicar como se constrói o sentido de um texto e como o mesmo se articula com a história e a sociedade que o produziu.

Começaremos primeiramente pelo texto do Sr. Presidente Jânio Quadros intitulada Carta de Renúncia com data de 25 de agosto de 1961 e depois, passaremos para a análise da Carta Testamento de Sr. Presidente Getúlio Vargas com data de 23 de agosto de 1954.

2. ANÁLISE DA CARTA DE RENÚNCIA DE JÂNIO QUADROS

Vale lembrar que Jânio Quadros estava no poder a menos de 7 meses e muitos dizem que sua carta renúncia foi uma tentativa fracassada de golpe de estado, pois muitos acreditavam ser ele comunista devido às suas alianças e predileções durante toda a sua carreira política. Contudo, o congresso aceitou sua renúncia tranquilamente e pacificamente houve a transição e o golpe não ocorreu.

O instrumento por ele utilizado é de caráter extremamente formal e institucional e logo nas primeiras linhas de sua carta, ele já estabelece claramente a dêixis discursiva: o **EU** é Jânio, que ao longo do texto vai assumindo diferentes *ethos*, os quais discutiremos a seguir, como por exemplo, o presidente, o nacionalista, o cidadão e o herói; o **TU** são os patricios, os correligionários, as forças internas e externas e os inimigos políticos; o **AQUI** é o lugar de presidente ainda exercido e o **AGORA** é o exato momento da renúncia. Essa cena enunciativa permite a relação com seu destinatário, que podemos chamar de co-enunciador, termo introduzido pelo linguista A.Culioli. O enunciador se outorga no discurso de uma posição institucional para marcar sua relação com um saber e assim, estabelecer um co-enunciador efetivo, ou seja, o público. Maingueneau cita que ao enunciar o enunciador lhe concede um certo lugar e atribui um lugar complementar ao outro, estabelecendo uma solicitação de entendimento de “quem eu sou para ti, e quem és tu para mim” [1]

O *ethos* é uma noção discursiva, é a imagem do sujeito enunciador construída no discurso. De acordo com Maingueneau, todo discurso oral ou escrito, supõe um ou mais *ethos*, o que implica na representação do corpo do seu responsável, do enunciador que se responsabiliza por ele. Atribui-se a ele um caráter, um conjunto de traços psicológicos e uma corporalidade.

É importante frisarmos que o *ethos* não se apresenta inseparável da cena da enunciação pressuposta pelo discurso para ser enunciado. O *ethos* e a cenografia são construídos, ao mesmo tempo, pelo interlocutor, que não somente decodifica o sentido de um texto, como também participa “fisicamente” do mesmo mundo .

O enunciador aparece no texto em primeira pessoa, ou seja, o próprio Jânio Quadros. Analisemos os seguintes marcadores presentes no texto: pronomes pessoais do caso oblíquo: “Sinto-me, porém, esmagado”. “A mim não falta a coragem da renúncia...” “Forças terríveis levantam-se

contra mim e me intrigam ou infamam...” “O agradecimento é aos companheiros que comigo lutaram...”; pronomes possessivos: “Nestes sete meses cumpri o meu dever”. “Mas baldaram-se os meus esforços...”; desinências número-pessoais dos verbos (1a pessoa do singular): “Deixo ... creio ...encerro... saio ...” etc.

Isso corrobora com a corporalidade de seu *ethos* de homem que lutou pelo país e tudo fez e sentiu e viveu e sofreu pelos brasileiros. O uso da primeira pessoa marca o seu real envolvimento com o povo. Nos trechos: “Desejei um Brasil para os brasileiros”, “encerro, assim, com o pensamento voltado para a nossa gente, para os estudantes e para os operários, para a grande família do país” - Jânio reforça o traço psicológico de um homem que se doou pela nação e que seu intuito maior sempre foi servir.

Ao olharmos para os verbos presentes no texto, vemos que o tempo indicativo ocorre com grande frequência imprimindo uma certa carga afetiva ao leitor. Veja: “Creio, mesmo que não manteria a mesma paz...”, “Saio com um agradecimento”, “Encerro assim com um pensamento..”, “o apelo é no sentido da ordem.”. Tal recurso determina um lugar de afetividade maior com o interlocutor, elemento discursivo importante para estabelecer o contrato que Jânio almejava naquele momento – o apoio e comoção da nação.

O enunciador estabelece vários lugares ao longo de seu discurso com seus diferentes *ethos* assumidos. Vemos o lugar de presidente: “renuncio o mandato de presidente”, posteriormente ele assumi o lugar de nacionalista: “desejei um Brasil para os brasileiros”; o lugar de cidadão: “seremos dignos deste país e do mundo” e, claro, não podemos nos esquecer, do lugar de herói: “a mim, não falta a coragem da renúncia”.

Com isso, Jânio se coloca como um enunciador multifacetário, aquele que se fazia necessário à nação brasileira naquele contexto de corrupção e crise que se vivia. No começo de sua carta ele até usa a máscara ideológica de perdedor: “Fui vencido pela reação e, assim, deixo o governo”, “forças terríveis levantaram-se contra mim e me intrigam ou infama”. Contudo, sabe-se que ele aguardava a grande chance de dar o golpe final, o qual não ocorreu.

No trecho em que Jânio utiliza-se do *ethos* cidadão emprega verbos na primeira pessoa do plural porque assim ele faz a junção do eu e o não –eu. O EU se inclui no discurso do TU, isso é uma estratégia de aproximação do enunciador, criando uma cumplicidade entre eles. Consideremos o que Pêcheux disse, citado por Brandão [2]:

A ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, isto é, o específico da ideologia é constituir indivíduos concretos em sujeitos. Sujeitos que implicam uma dimensão social mesmo quando no mais íntimo de suas consciências realizam opções morais e escolhem valores que orientam sua ação individual.

Tal consideração nos mostra a subjetividade assujeitada de Jânio pela sua ideologia expressa em sua carta renúncia. Os seus vários *ethos* somente existem dentro da dinâmica que sua ideologia se fazia viva e necessária naquele contexto histórico social da época.

A formação discursiva da carta de Jânio não nos deixa dúvidas de quais são as relações sócio-histórica-culturais que ele queria traçar. Podemos assim dizer, relações de antagonismo: perseguidores e perseguidos, honestos e corruptos, dignidade e injúria e relações de aliança: presidente e povo e Forças Armadas.

Podemos concluir que o discurso de Jânio Quadros mostra em sua materialidade vários *ethos*, mas todos confluem para o homem honesto e trabalhador que se preocupa com o povo, alguém que tem sensibilidade política e é conhecedor dos problemas do Brasil. Tome como base as duas linhas finais de seu texto:” Retorno, agora, a meu trabalho de advogado e professor. Trabalhem todos. Há muitas formas de servir nossa pátria”. Jânio encerra seu discurso confirmando quão útil ele foi e como continuará sendo importante para a nação.

3. ANÁLISE DA CARTA TESTAMENTO DE GETÚLIO VARGAS

O Presidente Getúlio Vargas era conhecido como o pai dos pobres e foi o presidente que mais governou o Brasil. Ele teve dois mandatos, o primeiro de 1930 a 1945, entre 1937 e 1945 instalou a fase de ditadura – o chamado Estado Novo, e de 1951 a 1954, eleito por votos diretos. O ditador brasileiro recebeu tal status por ter sido o nosso primeiro governante a dar reais benefícios às classes sociais menos favorecidas.

Vargas criou a Justiça do Trabalho (1939), instituiu o salário mínimo, a Consolidação das Leis do Trabalho, também conhecida por CLT. Os direitos trabalhistas também são frutos de seu governo: carteira profissional, semana de trabalho de 48 horas e as férias remuneradas.

Seu discurso político teve caráter institucional e mesmo sendo sua carta dirigida aos mais pobres, como podemos ver em vários trechos do texto, ela iria ser lida e ouvida nas rádios pela elite da época, que era o grupo de pessoas que tinha acesso aos veículos que divulgariam tal documento.

Getúlio Vargas recheia seu discurso com fortes marcas religiosas deixando bem característico seu EU presidente como um mártir, o homem que tirou sua própria vida em sacrifício ao povo.

Nas primeiras linhas do texto, Getúlio já direciona sua mensagem a quem está querendo alcançar: “Levo o pesar de não haver podido fazer, por este bom e generoso povo brasileiro e principalmente pelos mais necessitados, todo o bem que pretendia.” Ele apela para o carisma que o povo tinha por ele e sabemos que grande comoção houve diante de seu suicídio.

A cena enunciativa da carta de Getúlio Vargas se assemelha e diferencia-se em alguns aspectos da carta de Jânio. O EU é o próprio presidente Getúlio que assumi o *ethos* de mártir e salvador ao longo de toda a carta, o TU são os brasileiros, forças internacionais e nacionais maiores e o AQUI, acredita-se ser seu quarto ou gabinete, e o AGORA é o momento crucial e histórico da decisão pelo suicídio. Na análise sobre Jânio, vimos que ele assume vários *ethos* ao longo de seu texto, enquanto que Getúlio do começo ao fim, se coloca com um único *ethos*. A grande semelhança é que os dois presidentes falam a

diferentes TUs e o AGORA de ambas as cenas são momentos históricos para o Brasil.

Na carta de Getúlio, o ethos assumido pelo enunciador está emergido num texto religioso facilmente detectado por escolhas lexicais que nos levam a alusões de passagens bíblicas. Vejamos alguns exemplos: “que o sangue de um inocente sirva para apagar a ira dos fariseus”, “cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência”, “meu sangue será o preço do seu resgate”. As palavras sangue, inocente e resgate contêm um peso semântico grandioso e relevante no universo religioso e Getúlio, ao usá-las aqui, transfere o mesmo valor para seu discurso – o de salvador da nação.

Com esse recurso utilizado, a memória discursiva do co-enunciador é ativada e isso estreita o vínculo entre o leitor. Brandão cita Maingueneau (1983,1984) dizendo que enunciar é sempre se situar em relação a um já-dito que se constitui no discurso de outrem, com isso Maingueneau afirma que não há discurso autofundado de origem absoluta.

O enunciador emprega verbos no indicativo que levam o co-enunciador a sentir a continuidade de sentido daquela ação. Tome como exemplos: “não querem que o trabalhador seja livre, não querem que o povo seja independente”, “não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam”; “precisam sufocar a minha voz”. Todas essas orações estabelecem uma relação de contrato entre o EU e o TU. O EU está fazendo pelo TU algo infinitamente bom, porém está sendo retalhado e com isso, o TU está sendo altamente protegido, valorizado. Com esse contrato que já existia entre o presidente e o cidadão do povo brasileiro, G.V. esperava receber em troca toda uma adoração e veneração por seu ato heroico que ele acreditava estar cometendo.

Maingueneau diz que [3]:

O contrato não é necessariamente adquirido desde o início: ele pode ser negociado entre os parceiros, ou mesmo modificado unilateralmente, obrigando o co-enunciador a escolher entre aceitar e recusar o novo contrato.

A história nos conta que o povo brasileiro foi às ruas comovido com o ato heroico de Getúlio, houve grande comoção e uma imensa multidão de cariocas e outros brasileiros acompanharam o serviço funeral do Palácio do Catete até o Aeroporto Santos Dumont. Isso serve como prova de que o povo brasileiro interpretou seu ato como o esperado por ele.

O *ethos* assumido pelo presidente Getúlio na sua carta testamento, imbuído de uma linguagem religiosa, tem o objetivo tácito de representar Jesus, na figura de salvador, no seguinte parágrafo:

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo, para defender o povo, que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar, a não ser meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida.

Podemos destacar vários termos lexicais que corroboram com tal ideia: “renunciando, meu sangue, ofereço, holocausto, minha vida”. O papel representativo de Jesus fortalece mais ainda seu *ethos* de salvador de todos os oprimidos brasileiros os quais passariam a viver sem ele. A sua fala atribui a seu EU um caráter e um conjunto de traços indiscutíveis diante da situação aludida a Jesus que se entregou no Calvário pelos homens pecadores.

No trecho abaixo vemos a escolha por pronomes na 3ª.pessoa do plural que garante a inclusão do EU ao TU com intuito de aproximar-se mais do povo e de se assemelhar mais ainda da linguagem bíblica.

Escolho este meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no pensamento a força para a reação. Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta. Cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio respondo com o perdão.

As cartas de Jânio e de Getúlio são textos cujas formações discursivas são idênticas. Suas bases socioideológicas carregam as mesmas marcas e imprimem as mesmas relações de antagonismo e de aliança. Quadros escreveu sua renúncia 7 anos após Vargas, contudo utilizou-se do mesmo jogo de produção textual que garantiu posições ideológicas firmemente declaradas. O mesmo podemos falar de Getúlio.

Orlandi diz que a formação discursiva determina o que pode e o que deve ser dito. Sabemos, a partir das análises feitas acima, que os dois presidentes em questão sabiam quem atingiriam com suas palavras tão bem articuladas e o que deveria ser dito. Isso fez toda a diferença nas interpretações das mesmas cartas. Orlandi [4] cita:

Os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos [...] O estudo do discurso explicita a maneira como linguagem e ideologia se articulam, se afetam e sua relação recíproca.

4. CONCLUSÃO

Concluimos que a Carta de Getúlio foi um grito de guerra e um apelo ao povo para se levar adiante a luta iniciada por ele. Sua morte não foi vista como derrota, mas como sacrifício redentor. A carta de Jânio, mesmo sendo eximamente escrita, não atingiu seus objetivos. Especula-se que a renúncia foi mais um dos atos espetaculares característicos do estilo de Jânio. Com ela, o presidente queria causar uma grande comoção popular e o Congresso seria forçado a pedir seu retorno ao governo, o que lhe daria grandes poderes sobre o Legislativo, porém a renúncia foi aceita e o povo se manteve indiferente.

Jânio Quadros com o emprego de diferentes *ethos* expressa o tipo político que ele como homem público realmente era em seu contexto: homem de articulações variadas e não aceito por várias comunidades ao seu redor, ora pelos companheiros de partido, ora pela população, ora pelas Forças Armadas.

Getúlio Vargas aclamado o “pai dos pobres” e, sabido por muitos que também era conhecido como a “mãe dos ricos”, por manipular e beneficiar a classe empresarial, manteve do começo ao fim de sua carta o *ethos* assumido de redentor do povo e, pós morte, deixou seu legado e foi aplaudido pelo povo.

A análise dos *ethos* em um discurso transmite a imagem que o enunciador quer transmitir, implícita ou explicitamente, de si mesmo. Baseando-se nesse conceito, tomemos o último trecho do discurso de G.V.: “Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.” Não resta dúvida alguma quanto a interpretação que Getúlio queria que o co-enunciador tivesse de seu ato. Ele estava se oferecendo pelo povo que passaria a ter mais força, valores e compaixão por causa do ato daquele que doou sua vida. Vargas, explicitamente, veste-se da intitulação de herói e mártir pelo povo brasileiro e afirma que continuará servindo ao povo, da forma mais inesperada possível para muitos, com a sua história registrada nos autos da História Brasileira. Jânio Quadros acabou sua carta da mesma forma, dizendo que continuaria a servir a nação, honrado o país através do exercício de suas profissões.

Orlandi [5] cita Pêcheux em uma abordagem profunda sobre o lugar da interpretação e assim, concluímos nossa análise :

Porque há o outro nas sociedades e na história, correspondente a este outro languageiro discursivo, que aí pode haver a ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas podem se organizar em memórias, e as relações sociais em redes de significantes.

Finalizando, as duas cartas nos mostram claramente suas intenções e expectativas em relação ao seus leitores. Essa ligação estabelecida mediante as cartas entre os presidentes e seus co-enunciadores prova que as relações sociais são redes de significantes cuja ideologia emana por todos os lados desse grande e belo tecido chamado discurso.

REFERÊNCIAS

[1] D. Maingueneau. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas, Editora da Unicamp, 1997. p. 32.

[2] H. H. N. Brandão. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas, Editora da Unicamp, 2012. p. 78.

[3] D. Maingueneau. **Termos-Chave da Análise do Discurso**. Belo Horizonte, UFMG, 1998. p. 36

[4] E. P. Orlandi. **Análise do Discurso**. Campinas, Pontes, 2007. p. 43.

[5] E. P. Orlandi. **Análise do Discurso**. Campinas, Pontes, 2007. p. 59.